

DO COLLEGIO ELEMENTAR DE BAGÉ AO GRUPO ESCOLAR SILVEIRA MARTINS: A GÊNESE DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Ivete Gonçalves Ferreira¹

ivebage@bol.com.br

Alessandro Carvalho Bica²

alessandro.bica@unipampa.edu.br

Resumo

Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa intitulado **“Collegio Elementar de Bagé: A evolução histórica de uma instituição pública de ensino”** e desenvolvido sob a orientação do Professor Alessandro Carvalho Bica, Professor da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Tem como objetivo desenvolver uma análise histórica sobre a gênese e a formação do *Collegio Elementar* do município de Bagé nas primeiras décadas do século XX. A escolha desta temática tem como pressuposto teórico, promover uma leitura histórica sobre as intenções pedagógicas na construção de uma Instituição Escolar de Ensino. Para tanto, esta pesquisa usou como metodologia a análise documental, considerando como documentos-fontes: atas escolares, livros de correspondências, visitas e relatórios da escola que pertencem ao acervo da atual Escola Estadual de Ensino Médio Silveira Martins e os jornais “O Dever” e “Correio do Sul”.

1 Acadêmica do curso de Letras da Unipampa/Bagé.

2 Professor e Coordenador do NUPHE (Núcleo de Pesquisas em História da Educação) Unipampa/Bagé e orientador do TCC.

Palavras-chave: Instituição Escolar, História da Educação, História de Bagé

Introdução

O presente artigo faz parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, e tem como objetivo fundamental investigar e analisar a gênese do *Collegio Elementar* de Bagé. Nesta perspectiva, temos como intenção compreender a relevância histórica desta Instituição Escolar³ para o ensino público da cidade. Para a realização deste estudo, buscamos suportes empíricos de fontes escritas (documentos, atas, livros de correspondências, livros de visitas, jornais locais) e imagéticas (fotos escolares).

Ademais, este trabalho se insere no campo da história da educação, na temática das Instituições Escolares. Estes estudos têm por objetivo preencher lacunas históricas permeadas pelo tempo e viabilizar a compreensão de espaços educativos que fizeram parte da história educacional, e conseqüentemente, permitem aos historiadores e demais interessados a compreensão do passado.

Esta escolha se justifica pelo início das atividades escolares do Collegio Elementar de Bagé até a sua transformação no ano de 1940 em Grupo Escolar Silveira Martins.

Estudar a história das instituições escolares de ensino é revisitar um tempo da história da educação e, neste caso específico, é reescrever a história do *Collegio Elementar* do município de Bagé, logo, compreende-se que, ao trabalhar com estas temáticas, os historiadores possam contribuir para a escrita de uma parte importante da história da educação pública da cidade de Bagé.

Em uma cidade que se prepara para comemorar seus 200 anos de história, escrever parte da história de uma instituição escolar de ensino pública, com 101

3 O termo instituição escolar empregado no texto remete ao sentido de um espaço objetivo, material, concreto e real, a partir da compreensão de que estes elementos constituem a sua materialidade. Ainda sobre este assunto, ver WERLE (2001), GATTI JR (2002), AMARAL (2003) e NASCIMENTO et al. (2007).

anos de existência, que ainda possui sua gênese inconclusa, é um motivo que traduz a intenção desta pesquisa.

Além de se caracterizar como uma pesquisa inédita, a montagem desse imenso caleidoscópio institucional se torna instigante e proporciona a (re)construção de uma rica colcha de retalhos esquecidos no tempo escolar e no espaço urbano da cidade, possibilitando sentidos às práticas escolares vividas por esta instituição escolar.

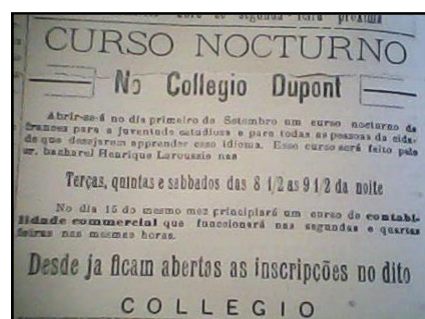
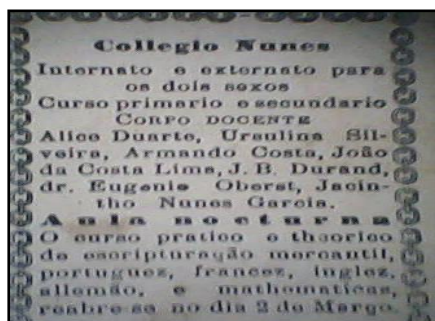
Ao pesquisarmos a história do *Collégio Elementar* de Bagé procuramos realizar um estudo mais localizado, buscando entender o período desta instituição que compreende os anos de 1909 até 1940, relacionando o cotidiano escolar com o contexto histórico local, regional e nacional.

Trajectoria

Ao iniciarmos nossa busca pela gênese do Collégio Elementar, começamos por recapitular um pouco da História de Bagé, cidade que nasceu quando Dom Diogo de Souza decidiu transformar o acampamento de Bagé em núcleo permanente no dia 17 de julho de 1811, fundando a povoação de Bagé.

Com o passar do tempo, o povoado cresceu e se consolidou, tornando-se oficialmente município em 05 de junho de 1846.

A partir do crescimento da cidade durante o século XIX, surge a necessidade das primeiras aulas e de algumas escolas para atender as demandas municipais. Nos últimos anos do Império e no limiar da República em 1889, o que se tinha na cidade de Bagé eram alguns poucos professores que ofereciam seus serviços através dos jornais que circulavam na cidade. Este tipo de educação além de ser oneroso às famílias menos abastadas era também muito escasso. Exemplos desse tipo de serviço são encontrados no Jornal “O Dever”, onde se percebem anúncios de professores, como também de alguns colégios que ofertavam ensino particular na cidade de Bagé:



Fonte: Jornal "O Dever" - 16/07/1908 e 22/08/1908

O Collegio Nunes oferecia curso primário e secundário em horário noturno, com regime de internato ou externato para meninos e meninas, além de curso prático e teórico de escripturação mercantil, com disciplinas de "portuguez, francez, inglez, allemão e mathemáticas."

O Collegio Dupont oferecia nas terças, quintas e sábados, "curso noturno de francez", para a "juventude estudiosa e para todas as pessoas da cidade que quisessem aprender esse idioma". Proporcionava também às segundas e quartas "curso de contabilidade commercial".

No início do século XX, o conjugamento dos interesses da municipalidade e do Estado possibilitaram a criação de duas instituições escolares particulares vinculadas a ordens religiosas, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em 1904, para a educação de meninos, e o Colégio Espírito Santo, em 1908, para a educação de meninas. Por outro lado, o ensino público gratuito ainda necessitava de escolas que atendessem às populações menos abastadas.

Em 26 de maio de 1909, através do Decreto nº 1479, foi criado pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, o *Collegio Elementar* de Bagé, que tinha por objetivo proporcionar o ensino público primário, além de promover a chamada coeducação, com a presença de meninos e meninas no espaço escolar.

Ao mergulharmos na história de uma instituição escolar, buscamos incansavelmente interpretar a educação de uma determinada sociedade, procurando minuciosamente suas origens, seu desenvolvimento através dos tempos, as alterações arquitetônicas e, sobretudo, revelar as identidades de professores e alunos.

Ao explorarmos os registros fotográficos de uma dada época, buscamos

preencher de sentidos as fontes escritas, pois, segundo Borges (2003, p.73) as imagens fotográficas:

[...] devem ser vistas como documentos que informam sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada cultura, e também como uma forma simbólica que atribui significados às representações e ao imaginário social. [...]. Todavia, sem compreender as vozes dos homens e mulheres de ontem, não podemos conhecer os sentidos que eles atribuíram às suas produções simbólicas.

Quando usamos a fotografia como complemento da fonte escrita, damos significados concretos à pesquisa e, desta forma, é possível atribuímos aos documentos descrições mais próximas da realidade, ou seja, ao associar as imagens aos escritos, o pesquisador é capaz de descrever com maior riqueza de detalhes os contextos das épocas analisadas. No Jornal “O Dever” do dia 07 de setembro de 1922, as alunas do Colégio Elementar praticam ginástica como forma de disciplina e para o desenvolvimento físico.



Fonte: Jornal “O Dever” - 07/09/1922

Outro exemplo da contribuição dos registros fotográficos para a construção dos contextos estudados são as fotos dos desfiles em comemoração ao 7 de Setembro de 1940, na qual podemos observar os lemas positivistas dos governos daquela época.



Fonte: Arquivos da Escola Estadual de Ensino Médio Silveira Martins.

Analisando as figuras acima compreendemos dois momentos da instituição, na primeira fotografia a classe feminina pratica ginástica, em horários diferenciados da classe masculina, apesar da escola receber meninos e meninas, em seu início a escola tinha classes separadas. Na segunda fotografia, identificamos outro momento histórico da escola, já consolidada como Grupo Escolar Silveira Martins.

Na história da educação do Estado do Rio Grande do Sul, o positivismo comteano teve grande influência, desde a política educacional até a própria organização da educação, sendo a base para a estruturação das instituições escolares durante esse período. Percebemos ao término de atas do Collegio Elementar XV de Novembro que a expressão “Saúde e Fraternidade”, confirmava a orientação positivista seguida pela escola.

Ao desenvolvermos pesquisas sobre a História da Educação brasileira, é fundamental que consideremos as especificidades regionais e as singularidades institucionais e locais, pois segundo Magalhães (1996, p. 02):

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região. É, por fim, sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico.

A respeito da importância de estudar as instituições escolares, Gatti Júnior (2002, p. 20) afirma:

Percebe-se que a história das instituições educativas almeja dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado destes espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem por meio da busca da apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no

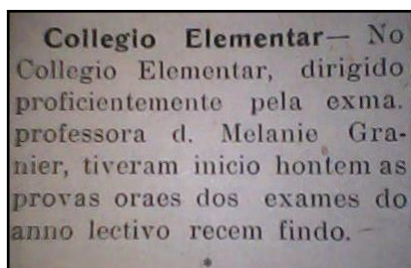
cenário social do qual faz ou ainda faz parte, mesmo que ela se tenha transformado no decorrer do tempo.

Nesta dimensão, se faz necessário entender as instituições escolares como espaços sociais, nos quais ocorreram processos de ensino e aprendizagem e aconteceram práticas docentes e discentes e, nesse contexto escolar, é que foram construídas as identidades pessoais e intransferíveis dessas instituições.

Identificamos nas atuais pesquisas sobre instituições escolares estudos mais localizados, permitindo ao pesquisador uma inserção mais profunda e um contato muito mais próximo com as fontes. Em se tratando da importância de estudos localizados, segundo Lopes e Galvão (2001, p. 41):

é crescente também a tendência a realizar estudos mais localizados, que lidem com realidades mais circunscritas e com períodos mais curtos de tempo. Essa tendência tem possibilitado um aprofundamento em certos temas e uma complexificação na compreensão do passado de determinados fenômenos educativos que, anteriormente, eram visualizados apenas panoramicamente. Tem sido comum, por exemplo, no Brasil, que os pesquisadores de diversos estados procurem compreender determinados movimentos educacionais naquela realidade específica.

Os professores do *Collegio Elementar* pertenciam ao quadro do magistério do Estado do Rio Grande do Sul, tendo como primeira diretora a Professora Mélanie Granier, que foi nomeada por Júlio de Castilhos e permaneceu no cargo até o findar da década de 1910.



Fonte: Jornal Correio do Sul – 15/12/1914

De acordo com a notícia publicada no Jornal Correio do Sul (15/12/1914) e a ata de exames nº 6 do Collegio Elementar de Bagé, os exames finais realizados no dia 14/12/1914, ocorreram às 9 horas da manhã, no amplo salão do sobrado onde funcionou o Collegio Elementar, localizado na rua 7 de Setembro, esquina Marechal

Deodoro e teve como comissão examinadora os Srs. Tenente Carlos Mangabeira, Deputado Estadual Adolpho Luiz Dupont, Presidente do Conselho Escolar Felipe Costa e Corpo Docente do Collegio dirigido pela Professora D. Melanie Granier. Ao proceder-se a chamada, verificou-se a presença de 215 alunos de ambos os sexos.

O Corpo Docente do Collegio Elementar era composto pelos seguintes professores: Idalina Lisboa Reggio, Dolores Fontoura Coelho, Maria Josepha Nunes de Camargo, Albertina Schilling Schimitt, Julia Peixoto Costa e Universina Araújo Bastos.

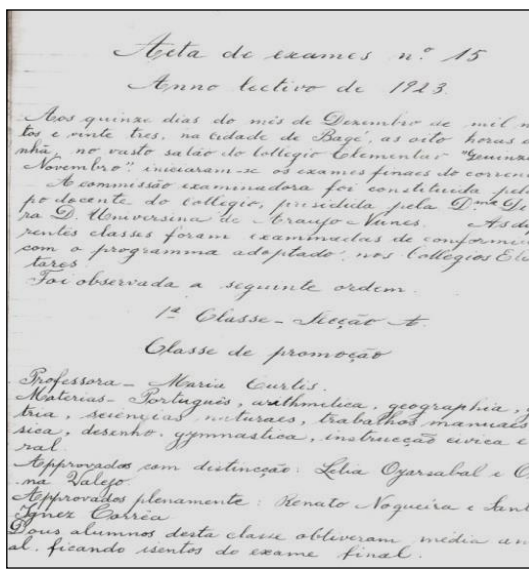
Encontramos na edição do Jornal "O Dever" do dia 07 de setembro de 1922, um pouco da histórica do *Collegio Elementar*, onde constam as seguintes informações:

O collegio funciona em amplo edificio, de propriedade do governo, e está situado em ponto importante d'esta, [...]. É dotado de magnificas condições hygienicas e está apto para comportar 500 alumnos. [...] considerar-mos um dos primeiros, entre os edificios de collegios do Estado, da mesma categoria.

O Collegio Elementar de Bagé, após o ano de 1923, recebe uma nova denominação de "Collégio Elementar XV de Novembro" e continua a funcionar desde sua inauguração na Avenida Sete de Setembro, esquina com a Avenida Marechal Deodoro, onde atualmente funciona a Biblioteca Pública Municipal Dr. Otávio Santos.

Na Ata de exames nº 15, do anno lectivo de 1923, constam os exames realizados no Collegio Elementar XV de Novembro, em conformidade com o programa adotado nos Collegios Elementares. A comissão examinadora foi constituída pelo corpo docente do Collegio e presidida pela então Diretora da instituição, Professora Universina de Araújo Nunes.

ATA DE EXAMES Nº 15 ()



Universina de

ANNO LECTIVO DE 1923

Fonte: Arquivos da Escola Estadual de Ensino Médio Silveira Martins.

Permaneceu como diretora da escola até 30 de outubro de 1933, a professora Universina de Araújo Nunes, tendo como corpo docente, além dos anteriormente citados: Maria Curtis, João Rodrigues Pereira e Lúcia de O. Brack, Mélanie Granier, Edith Gerbach, Wilma Gerbach, Lidroneta dos Santos Rosa, Herma Soyaux, Maria do Carmo Lima, Amyr Saraiva, Jurema M. Faillace, Talitha M. Faillace, Angelina Costa, Luiz Antônio Dalbem e Santuzza Lemos.

Em 1933, a escola passou a funcionar na Rua Conde de Porto Alegre, e foi elevada à condição de Grupo Escolar⁴ de Bagé, juntamente com a nova direção por parte do Professor Luiz Antônio Dalbem, primeiro professor a dirigir a escola.

Por sucessivas décadas os homens haviam ocupado o cargo de diretor, mas com os baixos salários da educação primária, o afastamento dos homens foi uma oportunidade para as mulheres⁵, que puderam atuar na esfera pública de uma sociedade masculinizada.

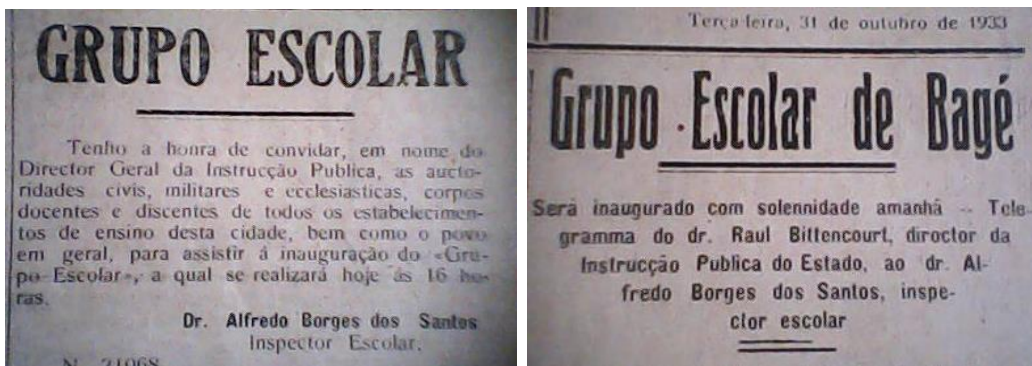
Os Grupos Escolares previam uma nova organização administrativo-pedagógica que estabelecia modificações profundas na didática e distribuição espacial dos seus edifícios, entre as principais características estavam: prédios

4 Sobre Grupos Escolares, consultar: Souza (1998), Gatti Junior (1999), Saviani (2004), Vidal (2005) e Vidal (2006).

5 Sobre os processos de feminização do Magistério, consultar: TAMBARA, Elomar. Profissionalização, Escola Normal e feminização: Magistério Sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. História da Educação/ASPHE (Associação Sul-rio-grandense de pesquisadores de História da Educação). Pelotas, nº 03, p.35-58, abril de 1998.

próprios, racionalização dos espaços, mobília escolar, quadro-negro, método intuitivo (Lição das Coisas), uso de mapas, laboratórios, etc... .

A inauguração do Grupo Escolar de Bagé teve ampla cobertura do Jornal Correio do Sul.



Fonte: Jornal Correio do Sul - 31/10/1933

O Jornal Correio do Sul, de 01 de novembro de 1933, trouxe importantes detalhes da inauguração do Grupo Escolar de Bagé, como por exemplo o pedido do paraninfo do Grupo Escolar, o Prefeito Municipal Dr. Carlos Cavalcante Mangabeira, para quem era necessário dar um nome ao Grupo Escolar de Bagé, nome escolhido “ *entre aqueles que passaram pela terra deixando rastros luminosos e que se não perdem nunca ante a immensidade do tempo. Nossas ruas ostentam nomes de filhos queridos desta terra, mas não ostenta o preclaro, desse glorioso, desse ilustre estadista e parlamentar, desse extraordinário tribuno que foi Silveira Martins*”.

Gaspar Silveira Martins foi advogado e líder político do Partido Federalista, atuante na fronteira-oeste, possuindo relações extremamente próximas ao município de Bagé. Começou sua vida pública como Juiz Municipal no Rio de Janeiro. Ao longo de sua vida, ocupou diversos cargos públicos, tais como deputado provincial e nacional, senador, ministro da Fazenda, Presidente do Rio Grande do Sul e Conselheiro de Estado. A relevância histórica de Silveira Martins pode ser constatada na cidade de Bagé, pois seus restos mortais repousam na Catedral São Sebastião.

O corpo docente do Grupo Escolar de Bagé era composto dos seguintes profissionais: Iedda Pibernat, Eponina Paiva, Olga Quintana, Maria Lucila de F.V. e

Silva, Fany Labarte Garcia, Maria Eliza Moreira, Olga Machado Moreira, Stella V. Gonçalves, Elza Azeredo Saraiva, Sylvia Médici, Goar Odix Duarte, Doly Doglia e Dinorah Badia.

Os grupos escolares trazem como característica importante o surgimento do cargo de diretor, o qual não existia na esfera pública escolar primária. Com a nova constituição educacional, o diretor passa a ser o responsável pela organização do cotidiano de alunos e professores, além de ser responsável pelas funções administrativas e de atualização dos conteúdos entendidos como inovadores junto ao corpo docente.

No período republicano foi assegurada a frequência por parte das meninas nas instituições públicas, com o objetivo de oferecer conhecimentos que as instruissem pelo menos nos níveis mais elementares, mesmo que algumas disciplinas fossem somente para o público feminino, como Prendas Domésticas. As aulas de educação física de meninos e meninas ocorriam em horários diferenciados.

Na primeira fase dos grupos escolares, as disciplinas trabalhadas nos quatro anos de formação elementar eram : Aritmética, Desenho, Leitura, Música, Caligrafia, Linguagem, Geometria, História, Trabalhos Manuais, Ginástica, Geografia, Ciências Físicas e Naturais, Higiene, Cosmografia e Moral e Cívica. A incorporação dos programas de moral e cívica tinha por objetivo despertar sentimentos de dever e amor, tanto com a família, quanto com a sociedade e principalmente com a pátria, demonstrados nos desfiles e festas patrióticas.

No dia 17 de julho de 1939, a professora Dinorah Badia assume a direção do Grupo Escolar de Bagé por motivos ainda desconhecidos. Os professores que vieram a compor o quadro do corpo docente do Grupo Escolar pertenciam ao *Collegio Elementar Quinze de Novembro*, entre eles: Idalina Régio, Julieta Taborda, Nilda Marques, Maria de Lourdes Araújo, Maria Antonieta da Cruz, Angelina Ferreira, Lélia Faillace, Maria de Lourdes Machado, Sylly M. Luz, Zilá R. Plastina, Catarina de Lhano, Gasparina Rimbau, Olga Machado Moreira, Zoraide Ferreira, Olga Quintana, Júlia C. Taborda, Maria Cony e Maria Ondina Vigil.



Fotografia oficial da Diretora do Grupo Escolar de Bagé, professora Dinorah Badia.
Fonte: Arquivos da Escola Estadual de Ensino Médio Silveira Martins.

Por meio do Decreto nº 91, de 07 de junho de 1940, Grupo Escolar de Bagé passa a chamar-se Grupo Escolar Silveira Martins, denominação solicitada na inauguração do Grupo Escolar de Bagé, pelo então Prefeito Carlos Cavalcanti Mangabeira.

A evolução histórica do Collegio Elementar até chegar a Grupo Escolar Silveira Martins perpassa os governos estaduais de Carlos Barbosa Gonçalves, Antônio Augusto Borges de Medeiros, Getúlio Dornelles Vargas, Oswaldo Euclides de Souza Aranha, Sinval Saldanha, José Antônio Flores da Cunha, Manuel de Cerqueira Daltro Filho, Joaquim Maurício Cardoso e Oswaldo Cordeiro de Farias.

Ao permearmos a história do Collegio Elementar, acabamos com o mito que existia na cidade, no qual muitos acreditavam, que o Collegio Elementar XV de Novembro deu origem à Escola Justino Quintana, pois, ao analisarmos documentos em continuidade, podemos comprovar que o Collegio Elementar XV de Novembro posteriormente recebeu a denominação de Grupo Escolar Silveira Martins.

Finalmente, em 1941, o Grupo Escolar Silveira Martins recebeu a construção de seu prédio definitivo, na rua Fernando Machado n. 01, no centro de Bagé.



Prédio do Grupo Escolar Silveira Martins (frente), situado na rua Fernando Machado, nº01, no centro de Bagé.

Observamos na fotografia do prédio definitivo do Grupo Escolar Silveira Martins, uma escola ampla com três pisos, janelas arejadas e bem iluminadas, tudo em conformidade com os ideais republicanos de educação.

A construção de edifícios para atender aos grupos escolares foi uma das principais preocupações das administrações dos Estados, que buscavam no espaço urbano um local de destaque para suas edificações.

Segundo BENCOSTTA (2005, p. 70) :

Em regra geral, a localização dos edifícios escolares deveria funcionar como ponto de destaque na cena urbana, de modo que se tornassem visíveis, enquanto signo de um ideal republicano, uma gramática discursiva arquitetônica que enaltecia o novo regime.

A guiza de conclusão

As considerações expostas neste trabalho buscaram mostrar os caminhos seguidos pelo Collegio Elementar de Bagé, a partir de sua criação em 1909, até sua consolidação em 1940, como Grupo Escolar Silveira Martins.

Em conformidade com os dados encontrados, a reconstituição da trajetória é de extrema importância para a compreensão da própria história de desenvolvimento da cidade, o que torna a pesquisa sobre esta instituição de ensino ainda mais fascinante.

Esperamos que este trabalho venha possibilitar múltiplos olhares para a história do Collegio Elementar de Bagé e que, a partir de então, esse campo de pesquisa

seja cada vez mais explorado, pois se trata de um imenso caleidoscópio institucional à espera de novas descobertas e por que não a escrita de outras histórias, de outras memórias vividas nesta instituição escolar.

Referências:

AMARAL, Giane Lange & AMARAL, Gladys Lange do. Instituto Estadual de Educação Assis Brasil: entre a história e a memória 1926-2006. Pelotas: Seiva, 2007.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar. São Paulo: Cortez, 2005.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos Escolares no Brasil: Um Novo Modelo de Escola Primária. In: STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena Camara. Histórias e Memórias da Educação no Brasil, Vol.III: Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BICA, Alessandro Carvalho. Ginásio Santa Margarida: Um estudo sobre a gênese e a consolidação de uma instituição escolar anglicana de ensino na cidade de Pelotas. Tese de Mestrado, Pelotas: UFPEL, 2006.

BORGES, Maria Eliza Linhares. História & Fotografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (Coleção História &... Reflexões).

BUFFA, E.; NOSELLA, P. Instituições Escolares: por que e como pesquisar. Caderno de Pesquisa Tuiuti do Paraná, v. 3, p. 13-31, 2008.

CORSETTI, Berenice. O Pensamento Social e Educacional no Rio Grande do Sul da Primeira República. Unisinos. Eixo Temático 6 – Intelectuais, pensamento social e educação. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação. Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), 2006.

ERMEL, Tatiane de Freitas & BASTOS, Maria Helena Câmara. Grupo Escolar Fernando Gomes: a construção de um novo espaço escolar na cidade de Porto Alegre/RS (1913-1946). In: IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2007

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Dos Pardieiros aos Palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. UPF: Passo Fundo, 2000.

GATTI JUNIOR, Décio & OLIVEIRA, Lúcia Helena M. M.. História das instituições educativas: um novo olhar historiográfico. In: Cadernos de História da Educação, Uberlândia. v. 1., n.º 1, jan./dez 2002.

GATTI JÚNIOR, Décio & INÁCIO FILHO, Geraldo. (orgs.). História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa e novas investigações. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. (Coleção memória da educação).

GATTI JÚNIOR, Décio & ARAÚJO, José Carlos S. (orgs.). Novos temas em História da Educação Brasileira: Instituições Escolares na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. (Coleção memória da educação).

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como objeto histórico. Revista Brasileira de História da Educação. SBHE/ Campinas, n.1, pp. 9-43, jan/jun. 2001.

LOPES, Eliane M. T. & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAGALHÃES, Justino. Comunicação: Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a memória e o arquivo. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho, 1996.

MAGALHÃES, Justino. A construção de um objecto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto- a investigação em história das instituições educativas. Revista Unisinos, maio/agosto 2007.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et al. (orgs.). Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007 (Coleção memória da educação)

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, D.B & BASTOS, M.H.C. (orgs.) Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras.

SAVIANI, Demerval et al. História e história da educação: O Debate Teórico- Metodológico Atual. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2000. (Coleção Educação Contemporânea).

_____. A política educacional no Brasil. In: STEPHANOU, Maria &

BASTOS, Maria Helena Camara. Histórias e Memórias da Educação no Brasil,

Vol.III: Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SOUZA, Rosa Fátima de. Tempos de Civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). Ed. UNESP: São Paulo, 1998.

VIÑAO Frago, Antonio. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.